

AMORES PORNOGRÁFICOS?

Wellington Lima Amorim¹
Eduardo Weisz²

RESUMO: A modernidade líquida transforma toda e qualquer relação em consumo. Devido à sua fluidez, é caracterizada por um eterno e ininterrupto devir. O amor busca a solidez que apenas um Outro pode proporcionar. Por isso, precisa estar eternamente imerso no jogo barroco da luz e escuridão, velamento e desvelamento, que perde espaço para um narcisismo consumista, que busca apenas o si mesmo no desvelamento pornográfico do Outro, exigindo transparência. O que resulta disso é que o vazio existencial se mostra na busca pela completude no devir das coisas. Homem moderno: aquele que se exacerba pornograficamente.

Palavras-chave: Modernidade Líquida, pornografia, narcisismo

ABSTRACT: Liquid Modernity transforms any and every relationship in consumption. Due to its fluidity, it is defined by an uninterrupted “process of becoming”. Love seeks the solidity that only an Other can provide. On account of that, it always needs to be immersed in a baroque game of light and darkness, veiling and unveiling, which loses space to a consumerist narcissism in which the person is searching only for oneself within the pornographic unveiling of the Other, constantly demanding transparency. The resulting outcome is the existential emptiness that shows itself in a vain quest for existential completeness in the eternal “process of becoming” that characterizes reality. Modern Human Being: the one that pornographically exacerbates oneself.

Key-words: Liquid Modernity, Pornography, Narcisism

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que uma realidade que se caracterize pela fluidez de um eterno devir necessariamente reduz toda relação humana a uma forma desenfreada de consumismo. Metafóricamente, o amor perde espaço para um narcisismo que, incapaz de reconhecer existência no Outro, busca eternamente a si mesmo sem ser capaz de encontrar nada além de vazio existencial. Esta objetificação pornográfica da experiência humana significa tal incapacidade de reconhecer a si mesmo em um Outro, que o viver se torna o eterno renascer de uma planta sem raízes, idéias inadequadas. Desta forma, este ensaio apresentará suas argumentações e posteriormente suas conclusões a respeito deste tema que nos parece tão paradoxal: amor e pornografia.

¹ Pós-doutor em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

² Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: eduardoweisz00@gmail.com

ARGUMENTAÇÃO

É possível amar pornograficamente? Para que possamos responder esta pergunta é preciso pensar dois conceitos que podem parecer antagônicos: amor e pornografia. Existe uma melancolia no ar do contemporâneo e um aparente paradoxo intransponível diante destas duas realidades. O que é isto a pornografia? O que isto o amor? Segundo Byung Chul Han, existe uma profunda sensação de que o amor teria encontrado seu fim:

“Nos últimos tempos tem-se propalado o fim do amor. Hoje o amor estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções e da coerção de otimização. Num mundo de possibilidades ilimitadas, o amor não tem vez. Acusa-se também o arrefecimento da paixão. Cujas causas, segundo Eva Illouz, em seu livro *Warum Liebe weh tut* (porque o amor machuca), reside na racionalização do amor e na ampliação da tecnologia da escolha.”³

O que estaria sufocando o amor? O Outro está desaparecendo no horizonte, dando espaço para um narcisismo doentio e descabido. Este sufocamento se instaura sorratamente. É sempre importante alertar que somente é possível existir desejo, onde o Eros se instala, onde o Outro, a alteridade, se faz presente. Cada vez mais vivemos em uma sociedade tribalizada e a homogeneização nos coloca no inferno do igual, diante de um Eros em agonia:

“Não por acaso, Sócrates enquanto amante, chama-a de *atopos*. O outro que eu desejo (*begehre*)⁴ e me fascina é sem lugar. Ele me retrai à linguagem do igual: “Enquanto *atopos*, o outro abala a linguagem: não se pode falar dele, sobre ele; todo e qualquer atributo é falso, doloroso, insensível, constrangedor”⁵

É preciso negatividade para que haja desejo, Eros. Em um universo onde somente impera a positividade não pode haver amor. Nivelamento, comparação, gera homogeneização, e o amor se retrai quando o Outro se torna objeto de consumo, ou ainda, se o colocamos nas prateleiras virtuais do Tinder em um verdadeiro supermercado de

³ BYUNG, Chul Han. *Agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes, 2017. p.7

⁴ *Begenhren* é um conceito central nesse livro de Byung. Traduzimos essa palavra por cupidez; quando o verbo é conjugado, traduzimos por desejar, colocando entre parênteses o étimo alemão. Usualmente traduz *Begenhren* por desejar. *Begenhren* (do latim: *cupere, petere*), porém tem certa nuance diferente de *wunschen*. O próprio autor distingue entre essas duas ações. *Wusch* é mais um sentimento de anelo de realização e satisfação anímica. *Begenhren* sempre tem uma conotação de desejo do outro, cobiça (*cupere*). Como o tema central do livro está referindo ao eros, a palavra cupidez expressa melhor o que diz o conceito alemão.

⁵ BYUNG, Chul Han. *Agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes, 2017. p.8-9

subjetividades narcísicas. Narcisismo e amor próprio são conceitos excludentes. O segundo precisa da presença e distanciamento diante do Outro. E o narcisismo está mais próximo da pornografia do que para o amor próprio, uma vez que não estabelece limites claros onde termina o espaço do eu e começo do Outro. A lógica do consumo introduz nos relacionamentos amorosos a noção de desempenho técnico. Graças aos deuses, a pornografia sempre existiu, mas o tempo e o espaço mudam a nossa relação com o desejo: sejam os libertinos na revolução francesa, com a crítica ácida do Marquês de Sade, o romantismo do século XIX, ou as orgias na década de 70 em Woodstock, mesmo que fosse uma forma de protesto contra a futilidade da sociedade burguesa.

Hoje, a sociedade do desempenho, introduziu uma competição tecnológica, como Arnaldo Jabor nos adverte: “os homens querem ter pênis como de uma fórmula 1 e as mulheres querem ser chamadas de aviões e rebolar como um liquidificador, são buscas de funcionamento perfeito, o pênis A encaixa em vagina B para atingir o orgasmo classe A ISO 9000”.⁶ No contemporâneo todos querem o funcionamento perfeito e a eficiência performática das coisas, angústia da produtividade, em busca do prazer absoluto se cria um mundo onde vai imperar o totalitarismo da brochura globalizada:

“A depressão é uma enfermidade narcísica. O que leva à depressão é uma relação consigo mesmo exageradamente sobrecarregada e pautada num controle exagerado e doentio. O sujeito depressivo-narcisista está esgotado e fatigado de si mesmo. Não tem mundo e é abandonado pelo Outro. Eros e depressão se contrapõem mutuamente. Eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o Outro. A depressão, ao contrário, mergulha em si mesma.”⁷

A luta pelo reconhecimento coloca o narcisista em uma profunda depressão do sucesso. Para ser introduzido nas profundezas de si mesmo, o indivíduo precisa ser um colocado diante de um extremo e infernal narcisismo: “um esvaziamento voluntário do si mesmo”.⁸ Ao contrário da experiência narcísica, amar é estar fraco diante do Outro, um tornar-se-fraco. A depressão não permite o amor, bem como o amor platônico pode nos levar a mais profunda depressão.

Lars Von Trier recria um cenário que pode nos fazer refletir sobre esta questão, quando resgata a lógica do divino Marquês de Sade no longa *Melancholia*. O cineasta cria

⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dV4lklTuMkw>

⁷ BYUNG, Chul Han. Agonia do Eros. Petrópolis. Vozes, 2017. p.10

⁸ BYUNG, Chul Han. Agonia do Eros. Petrópolis. Vozes, 2017. p.11

duas personagens, "Justine" e "Claire", que apresentam perfis psicológicos distintos e opostos. Diante de uma possível catástrofe planetária, as duas irmãs, Justine e Claire, agem de formas diferentes. Justine trilha um roteiro, que atinge o clímax, quando vestida de noiva, se mostra presa a uma rede de novelos de lã. O cenário que se impõe, logo de início deste longa metragem, tendo a trilha sonora de Tristão e Isolda de Richard Wagner, apresenta uma noiva que caminha com muita dificuldade, ao mesmo tempo em que tenta se libertar de uma rede de fios e novelos de lã, se mostrando entrelaçados, impedindo o seu caminhar, uma cena angustiante, é como se fosse alguém que tenta correr, fugir de algo, e acaba permanecendo no mesmo lugar, acorrentada.

O que esta cena gera em nós em termos de reflexão? *“O prelúdio de Tristão e Isolda, trilha sonora do filme, conjura a força do amor. A depressão se apresenta como impossibilidade do amor. Ou o amor impossível leva a depressão”*.⁹ Por outro lado, em outra cena, diante da eminente catástrofe, Claire fica perdida, carregando o seu filho nos braços, apreensiva, angustiada, paranoica, enquanto o marido tenta encontrar algum amparo em desenvolver e explicar o fenômeno a partir de argumentos científicos. As duas personagens se apresentam depressivas, causadas por agentes diferentes, o vazio e total ausência de projetos existências imperam na vida destas personagens. A primeira por um agente interno e a segunda por um externo. Neste texto vamos nos ater ao personagem Justine, que na obra do Marquês de Sade, é o contraponto da Juliette: *Justine ou os infortúnios da virtude*. Ou ainda, Justine e Juliette são duas faces de uma mesma natureza:

“É só o planeta “Melancolia” como outro atópico, que irrompe para dentro do inferno do igual, acende a cupidez erótica em Justine. Na cena da nudez no lajeado do rio se vê o corpo de uma amante tomado pelo cupido da voluptuosidade. Tomada de expectativas, Justine se refestela na luz azul do planeta mortífero. Esta cena desperta a impressão de que Justine anelasse a colisão mortal com o corpo celeste atópico. Ela espera a proximidade da catástrofe como uma união prazerosa com o Amado. É inevitável não pensar aqui na morte do amor, de Isolda. Na proximidade da morte, também Isolda se entrega com prazer ao “todo que insufla um hálito de mundo”.¹⁰

Vê-se que a profunda depressão de Justine, se dá pela onipresença de seu idealismo atópico. Algo que se caracteriza por uma tentativa de encaixar a realidade de sua existência

⁹ BYUNG, Chul Han. *Agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes. 2017. p.12

¹⁰ BYUNG, Chul Han. *Agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes. 2017. p.12-13.

em noções previamente estabelecidas sobre a natureza e funcionamento da realidade onde ela existe. A questão é que uma vez que os fatos de sua vida não se mostrem capazes de se adaptar à estas percepções, seu mundo desaba e o universo onde Justine existe se torna um lugar inabitável por não fazer sentido a seus olhos. O que tem como resultado uma profunda depressão: ansiosa espera pelo ser amado, o planeta melancolia, que significa sua própria destruição.

Na filosofia de Spinoza, ser e existir são uma identidade, no que se refere à existência da realidade onde os seres humanos existem: a ideia de que Deus existe e confere existência a todas as coisas continuamente por necessidade de sua natureza, significa apenas a equivalência entre ser e existir. No pensamento do autor, o mesmo termo latino que é usado para explicitar a percepção de que Deus por si mesmo veio a existir ("*produci*"), é o mesmo usado para descrever o ato de conferir existência a todas as outras coisas por necessidade de Sua natureza – o que sugere que a mesma ação que confere existência ao ser divino, também nos convoca a perceber que a existência de todas as coisas existem nele. O que significa, concretamente, a impossibilidade de se estabelecer noções pré-concebidas, apriorísticas, acerca do funcionamento da realidade, onde o ser humano existe, que caracteriza a visão de mundo da Justine.

Neste sentido, argumentos de autoridade e percepções pessoais tomadas como algo válido universalmente, podem até se mostrarem verdadeiras, mas, se encaradas como forma de conhecimento que permite e fundamenta o relacionamento do ser humano com a realidade onde se dá sua existência, se mostram inadequados. Ou seja, para Spinoza, a profunda depressão de Justine se dá porque seu entendimento da realidade se fundamenta em ideias inadequadas que servem de base para a construção de um conhecimento vagante, que hora se mostra válido e relevante, mas que, no momento seguinte, pode se apresentar como algo falso e sem valor (inadequado). Na epistemologia spinozista, ideias inadequadas são aquelas provenientes da faculdade de imaginar, isto porque elas não nos conferem a capacidade de perceber o que faz de alguma coisa qualquer o que ela é e o que lhe permite perseverar em seu ser. As idéias inadequadas são aquelas que indicam como somos afetados por um objeto, mas não conseguem explicitar a essência dos objetos que nos afetam:

“Não há, nas ideias, nada de positivo que constitua a forma da falsidade (pela prop. 33). Ora, a falsidade não pode consistir na privação absoluta (pois se diz que erram ou se enganam as mentes, mas não se diz o mesmo a

respeito dos corpos), nem tampouco na ignorância absoluta, pois ignorar e errar são coisas diferentes. A falsidade consiste, portanto, na privação de conhecimento que o conhecimento inadequado das coisas - ou seja, as ideias inadequadas e confusas – envolvem”¹¹.

Enfim, é a privação do conhecimento acerca daquilo que faz as coisas extensas serem o que são, suas causas, e as causas de suas causas, em um processo de causalidade infinito, que constitui a realidade humana e que se estabelece na realidade das coisas singulares uma rede, ou ainda, numa teia de relacionamentos que, se ignorada, faz com que sejamos pautados, conduzidos, por ideias inadequadas. O erro do conhecimento vagante consiste em ignorar o fato de que cada coisa que existe, é singular e única. Dessa forma, quanto mais relações se constrói com base em coisas como universais e argumentos de autoridade, mais inadequadas tendem a ser nossas ideias e o nosso sentimento de desamparo quando elas se mostram falsas em contextos específicos. O conhecimento de primeiro gênero tende a se afirmar tanto através de defesas psíquicas que não possuem relação com o real concreto quanto na forma de metafísicas ou generalizações que podem ser consideradas perigosas por ignorarem o caráter singular de cada coisa que existe.

Assim, quando nossa heroína, Justine, percebe a futilidade e a banalidade de sua existência, artificial e operacional, constantemente permeada por ideias inadequadas, emerge em seu ser o sofrimento psíquico, existe um preço que precisa ser pago ao se desejar autonomia e conquista-la: ao assumir de tal forma responsabilidade pela própria vida e escolhas a personagem, em essência, a condena a si mesma à solidão perpetua, mesmo que, no meio de uma multidão ou cercada de amigos. Por isso, o Eros de Justine se direciona para o planeta “Melancolia”, o único que pode retirá-la do inferno. Mesmo que o preço a ser pago seja sua autodestruição e morte. Ao longo desta narrativa, durante todo o tempo se escuta a trilha sonora de Tristão e Isolda, de Wagner. É a magia existente entre as pulsões de vida e de morte: *“Ele conjura de forma mágica a vizinhança de Eros e morte, de apocalipse e redenção. Paradoxalmente, Justine vivencia a aproximação da morte. Ela a abre para o Outro”* ¹². Mais erótico impossível!

Em oposição ao erótico, a pornografia é a mais pura e simples exposição, aniquilando qualquer erotização, atração, ou sentido sexual, e por isso muito mais moralista, sendo inclusive mais efetiva e real. Ser pornográfico é profanar, expor, colocar a

¹¹ E, II, prop. E DEM.

¹² BYUNG, Chul Han. *Agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes. 2017. p.13.

nú, como na ciência que busca incessantemente colocar a disposição de todos aquilo que os deuses não nos deram acesso. O mundo pornográfico reduz tudo à transparência, não há sexualidade, uma vez que se perde a atração pelo mistério e o sagrado. É assim que Justine se sente, violada, instrumentalizada, colocada ao uso comum dos homens. Por isso, nossa heroína foge no trajeto que a racionalidade busca interromper, como na histeria, os sintomas do corpo não tem origem no corpo, mas em algo que está para além do mero entendimento racional. Logo, esta racionalidade faz com que a mesma deseje ardentemente que o planeta “Melancolia” se choque com a terra, em um processo autodestrutivo. A Filosofia e a pornografia foram separadas no berço! A pornografia é antes de tudo uma per-versão, outra face da filosofia. Uma vez que a pornografia elimina qualquer tipo de metafísica e o corpo se torna a referência, a pornografia se expressa como prostituição:

“O filósofo, desiludido dos sistemas e das superstições, mais ainda perseverante nos caminhos do mundo, deveria imitar o pirronismo de trottoir que exhibe a criatura menos dogmática: a prostituta. Desprendida de tudo e aberta a tudo; esposando o humor e as idéias do cliente; mudando de tom e de rosto em cada ocasião; disposta ser triste ou alegre, permanecendo indiferente; prodigando os suspiros por interesse comercial; lançando sobre os esforços do seu vizinho sobreposto e sincero um olhar lúcido e falso, ela propõe ao espírito um modelo de comportamento que rivaliza com o dos sábios. Não ter convicções a respeito dos homens e de si mesmo: tal é o elevado ensinamento da prostituição, academia ambulante de lucidez, à margem da sociedade como a filosofia. “Tudo o que sei aprendi na escola das putas”, deveria exclamar o pensador que aceita tudo e recusa tudo, quando, a exemplo delas, especializou-se no sorriso cansado, quando os homens são, para ele, apenas clientes, e as calçadas do mundo o mercado onde vende sua amargura como suas companheiras seu corpo”. (Cioran).

A pornografia nos dá o método preciso do ato de filosofar: o ceticismo de Pirro pode nos conduzir a experiência abissal do espírito. Sugiro que ouçam a Bachiana Brasileira nº 2, Toccata, de Heitor Villa-Lobos. É simplesmente emocionante. É impressionante como a evolução desta música faz crescer e desenvolver o sentimento de erotismo pela vida que se expressa através do drama musical. É como uma mulher de corpo escultural que vai se desvelando em uma relação sexual promíscua, ou melhor, é o drama de uma mulher que vai sendo descoberta, sendo retirado seu véu, onde esconde sua beleza. É como estar em uma mata fechada, virgem, que vai sendo aberta aos poucos, onde é descoberta a paixão pela vida que se desenvolve linearmente, não pedindo licença. Sua busca é o ápice de sua potência de vida, um auge, um orgasmo, uma pequena morte, um êxtase, onde saímos da

heteronomia para a autonomia, em um movimento trágico, divino, mortífero, por assim dizer orgiástico.

Diferentemente do paradigma cristão que separou a religiosidade da sexualidade, na antiguidade essa associação entre o amor e sexo era muito bem vista e não existia a noção de pecado. Por sua vez, a religião e o sexo era algo uno e indivisível, o mistério e o sagrado se entrelaçavam, o ato sexual era uma forma de adoração aos deuses do amor que colocavam a mulher em um pedestal sagrado para ser um objeto de adoração e fonte de prazer: uma puta sagrada. Sempre se exaltava o equilíbrio dinâmico entre o masculino e o feminino e a força e a suavidade se complementavam. A entrega do corpo era vista como um ato sagrado, uma exaltação ao amor, que não era dissociado da sexualidade, da exaltação da beleza física e da simetria.

O mesmo ocorria com os homens que buscavam a simetria de seu corpo como forma de adoração ao amor. Porque estes tipos-ideais não podem ser reescritos? Porque a beleza feminina está cada vez mais sendo inacessível? Segundo Flavio Gikovate *"São poucos os espíritos "porosos" capazes de abandonar antigas concepções, conviver com dúvidas e gerar novas idéias que sejam mais adequadas para explicar os fatos"*. A hipocrisia nasce da escuridão, da privacidade da alma, do medo que temos que nossos desejos mais perversos sejam colocados a mostra. No entanto, surge uma dúvida: pode o pornográfico ser considerado belo? O filósofo alemão Walter Benjamin já nos dizia: *"para a beleza é indispensável uma interligação indissolúvel entre velamento e velado; pois nem o véu nem o objeto velado são o belo, mas objetos em seu véu"* ¹³. Ou melhor, ele nos diz que o belo somente pode ser concebido quando temos um objeto velado, escondido, sacralizado, privado de luz. Por outro lado:

“A pornografia serve de mero viver exposto. E o exato contraposto de eros. Ela aniquila a sexualidade. Neste sentido, é mais efetiva que a moral: “A sexualidade não se desvanece na sublimação, na repressão e na moral, mas muito provavelmente naquilo que é mais sexual que o sexual: na pornografia” A pornografia tira sua força de atração da “antecipação do sexo morto na sexualidade viva”. O obsceno na pornografia não reside no excesso de sexo, mas no fato de não ter sexo”.¹⁴

Se a finalidade da moral é recalcar a sexualidade, o pornógrafo possui uma moral muito mais efetiva, ele acaba por eliminá-la por completo nas relações interpessoais. A

¹³ BYUNG, Chul Han. Agonia do Eros. Petrópolis, Vozes. 2017.

¹⁴ BYUNG, Chul Han. Agonia do Eros. Petrópolis, Vozes. 2017. p.55.

pornografia extingue qualquer forma de mistério ao nos introduzirmos no inferno do igual, corpos enfileirados dispostos um ao lado outro, prontos para ser serem violados. Afinal, como Nietzsche no adverte: “*não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos*”. O divino Marquês de Sade é o pensador marcado pela incompreensão. O filósofo nos aconselha a nos entregarmos por completo ao vício, a bebida, drogas, relações sexuais promíscuas. Isto se dá, porque diferentemente do sedutor, que tem por finalidade nos manter presos no eterno do claro e escuro, do velado e daquilo pode ser desvelar, corpos que são expostos diante da luz, os amores pornográficos deseja que sejamos libertos daquilo que nos mantém presos: a sexualidade:

“É possível que o fundador do cristianismo tenha se confrontado com isso na cruz: pois as mais amargas de todas as palavras, “Meu Deus, porque me abandonastes”, se entendidas em toda profundidade, como podem ser entendidas, contêm o testemunho de uma decepção e esclarecimento geral sobre a ilusão de sua vida; no momento da suprema aflição, ele se tornou clarividente sobre si mesmo, como relata o poeta a respeito do pobre Don Quixote moribundo”.¹⁵

Talvez será a autodestruição que nos conduzirá ao renascimento e a transvaloração de nossos valores.

CONCLUSÃO

O presente artigo consiste em uma busca pelo entendimento de que o caráter pornográfico do moderno se caracteriza por uma objetificação das buscas humanas que reduzem todas as facetas de seu existir a meras relações de consumo. Neste sentido, metaforicamente, o objeto amado perde espaço para uma produtificação de si mesmo. Eu narcisico insaciável, buscando no espelho suprir um vazio existencial que lhe priva de seu viver. Isto é exemplificado pela postura da personagem Justine que, no longa *Melancolia*, entra em um estado de profunda depressão ao se perceber impotente frente a uma catástrofe de proporções planetárias.

Ao perceber que o eterno devir que a tudo consome não pode mais se sustentar, ela se vê forçada a enfrentar o vazio de uma existência solitária por se dar em um universo hermeticamente fechado, onde só cabe ela mesma. Um pornográfico narciso desesperançado à espera da morte redentora. Será possível escapar ao inefável vazio

¹⁵ JUNIOR, OSWALDO GIACOIA. Sobre doença e ressentimento. São Paulo. Editora Sulina. 2013. P. 29

existencial do real líquido em seu eterno devir? Será a percepção da singularidade de cada ser uma possível resposta? Será que o amor que reconhece a existência do outro realmente se mostra capaz de impedir Narciso de se afogar em busca de seu único e verdadeiro amor?

REFERÊNCIAS

BYUNG, Chul Han. **Agonia do Eros**. Petrópolis. Vozes, 2017.

ESPINOSA, B. **Ética**. São Paulo. Autêntica. 2019.

JUNIOR, OSWALDO GIACOLA. **Sobre doença e ressentimento**. São Paulo. Editora Sulina. 2013.